

cinema e literatura

ROBE GRILLET & RESNAIS

IDA LAURA

A recente exibição extracomercial, no Brasil, de filmes em que Alain Robbe-Grillet aparece como diretor, além de roteirista, permitiram a avaliação de sua obra em conjunto e o esclarecimento, ao menos parcial, de um ponto que se tornou polêmico na França: na gênese de *O Ano Passado em Marienbad*, qual o maior responsável pelos aspectos criativos do filme: Alain Resnais, o cineasta ou Robbe-Grillet, o argumentista?

A análise dos trabalhos publicados pelo romancista permite estabelecer algumas relações que, ultrapassando a questão proposta acima, vêm cair no problema-conflito do dualismo Literatura-Cinema. Todos os livros de Alain Robbe-Grillet, sem exceção, constituem magníficos roteiros de cinema em potencial. O primeiro, "Les Gommages" (traduzido pela "Edição Livros do Brasil", Lisboa, como "Entre Dois Tiros"), desenrola-se nas vinte e quatro horas que um policial leva para reconstituir um crime possivelmente político e o que ainda não acontecera ou se verificara só em hipóteses, acionado por matemática fatalidade, acaba tornando-se um fato verdadeiro. A repetição de cenas, própria do estilo do autor, faz o personagem caminhar sempre pelas mesmas ruas da cidadezinha, enquanto o pensamento se estende em conjecturas, reconstituições, raciocínios — em um filme, ter-se-ia





Alain Robbe-Grillet,
cineasta-escritor, dirige
'L'Homme qui Ment'



Alain Resnais (na câmara)
dirige "L'Année Dernière à
Marienbad", segundo
roteiro de Robbe-Grillet

Wallas, no plano real, andando diante do "gradeamento de ferro, da cerca de fusanos, da faixa de cascalho que dá volta à casa" e olhando "a janela do meio, no primeiro andar", que corresponde "ao gabinete de trabalho do professor desaparecido". Flash-backs levariam o agente ao próprio passado confuso, quando pela primeira vez visitava o lugar, enquanto a objetiva daria a forma de imagens às suas divagações, que correspondem à maior parte das páginas.

Em "Le Voyeur" (em tradução da Editora Edinova, Rio de Janeiro, como "A Espreita") encontra-se outro excelente esquema de filme policial. A ação concentra-se no caminho de um caixeiro-viajante, vendedor de relógios, pelas ruas e estradas da vila à beira do mar, tentando preencher o tempo morto entre dois atalhos, onde se verificara o assassinio da juvenzinha: seus passos são minuciosamente contados, seu percurso estudado, reestudado e sempre, na perspectiva que traz um toque de Einstein, a relatividade do tempo aparece como uma sombra, um fantasma, a pesar sobre a inocência ou a culpa de Matias.

"La Jalousie" (publicado pelas "Éditions de Minuit") já pode ser considerado tanto um roteiro de alta categoria literária, como um obra típica do "nouveau roman" pela indefinição, obsessão repetitiva e sugestão hipnótica de seqüências que se desdobram ao infinito. Uma mulher e um homem, Franck, conversam, tomando aperitivos no terraço da mansão, em um país da África; as principais referências da ação são tomadas em relação às janelas, gelosias ("jalousie" aqui não se refere ao sentimento do ciúme): tudo se passa em torno dos janelões do sobrado e da pilastra do terraço. Os personagens são enquadrados em diferentes posições, ora sentados ao ar livre perto da balaustrada, o bananal à distância surgindo em linhas retas ora junto à amurada já desgastada pelo tempo, onde surge um "mille-pattes" ou na sala de jantar, descrevendo-se com minúcia fotográfica os movimentos. Toda a imobilidade aparente da mulher de cabelos negros e do vizinho que a visita poderia ser decomposta em planos cinematográficos — e é desta fragmentação dinâmica de quadros, só aparentemente "parados", que surge o estranho clima do livro.

Em "Dans le Labyrinthe" ("No Labirinto", em tradução portuguesa da Editora Ulisseia de Lisboa) encontra-se a mais conhecida obra de Robbe-Grillet. As características do romance segundo o próprio autor refletem "uma realidade que não é forçosamente aquilo que o leitor conhece". Descreve um lugar de localização duvidosa, onde um soldado reflete sobre uma batalha perdida, também nebulosa. "O assunto é banal, cotidiano — surge a vida nos seus elementos imediatos: côres, sons, gestos, sensações, o instante, tudo envólto na imprecisão, conseguindo atingir um colorido evocatório e poético." Os momentos que se encadeiam uns com os outros sem qualquer explicação no texto, como os iniciais, em que cenas de rua intercalam-se com o que se passa no aposento fechado, seriam admiravelmente expressos através de fusões eminentemente cinematográficas.

Em "La Maison de Rendez-vous" (traduzido — "Encontro em Hong-Kong" — pela Editora Expressão e Cultura, Rio de Janeiro) está presente o encontro da técnica de cinema com a do "nouveau roman" e desta fusão admirável ergue-se uma obra literária expressiva que representa, ao mesmo tempo e claramente, o roteiro de um grande filme. "A jovem com o cão que se afasta com passo curto e rápido" nasce das páginas do livro como em um "écran"; o mesmo acontece "à moça loira que se abaixa para amarrar a sandália de finas tiras douradas" no salão de Lady Ava; ou o assassinato no escritório abafado é descrito, do ponto de vista da posição física e da elaboração do pensamento de vários personagens, em tomadas fotográficas.

Chegando à contribuição realizada por Robbe-Grillet no campo da realização cinematográfica, marca-se em O Ano Passado em Marienbad um momento decisivo do cinema contemporâneo. O argumento, de autoria do romancista, encontrou na direção de Alain Resnais a tradução em imagens da "tentativa de construir um espaço e um tempo puramente mentais". O próprio Robbe-Grillet afirma: "Resnais 'via' tão bem o que 'descrevia' que as raras modificações do texto sugeridas por ele eram como se tivessem sido feitas por mim".

Março de um cinema simultaneamente real e abstrato, o encontro em Marienbad define-se como a síntese de várias formulações artísticas dando como resultado uma obra de arte original e essencialmente fílmica. A nosso ver o cinema, quando não se trata de um cinema de autor, como é o caso de Ingmar Bergman ou, entre nós, o de Walter Hugo Khouri e Rubem Biáfora, transcende a realização individual e a obra resultante impõe-se, mais que o conjunto de circunstâncias que a criou, num todo coeso e único de onde é difícil separar as partes componentes.

ROBE GRILLET & RESNAIS

Resnais, tendo em mãos material menos criativo, não produziu depois obras tão expressivas como a história dessa mulher e desse homem que se vêem, ou se revêem ou nunca se haviam avistado antes... A observação de *L'Immortelle* e *Trans-Europe Express*, filmes concebidos e dirigidos por Robbe-Grillet, considerados no plano cinematográfico puro, deixam uma sensação de incompleto, apesar de conterem os elementos básicos de suas teorias. Em *L'Immortelle*, uma estranha mulher morre e renasce, ama e desaparece, a persiana abre e fecha-se, vendo-se o homem que vigia a casa; o personagem principal caminha pelas ruas em busca de um rosto que se desfaz em centenas de outros. Que falta a essa amálgama da "análise detalhada de um conjunto audiovisual demasiado complexo e demasiado rápido para ser devidamente estudado fora do campo de projeção?"

Aquilo que ainda não se formulou claramente em relação a Resnais e Robbe-Grillet, considerados no conjunto de suas realizações, representa o que falta para a definição completa da arte cinematográfica: o cinema é, fora de qualquer dúvida, uma arte original e não apenas uma fusão de outras artes. Existe, porém, relativa dificuldade em defini-lo concretamente: a resistência em ser reduzido a sínteses definitivas prova que as bases em que se assenta diferem dos campos milenarmente conhecidos e facilmente analisáveis da literatura ou da pintura: sugere uma arte nova que se delinea para o homem e que ainda o espanta e o desorienta; e é justamente a presença de uma complexidade formulativa que a afirma como criação totalmente original. **INC**

"L'Année Dernière à
Marienbad":
Giorgio Albertazzi
& Delphine Seyrig (foto
acima), Sacha Pitoeff &
Delphine (embaixo)

